

**AS (IM)POSSIBILIDADES DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO
INICIAL DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIOESTE/FRANCISCO
BELTRÃO/PR¹****THE (IM)POSSIBILITIES OF PEDAGOGICAL RESIDENCY IN THE GEOGRAPHY COURSE'S
INITIAL TRAINING FROM UNIOESTE/FRANCISCO BELTRÃO/PR****Najla da Silva Mehanna², Helena Copetti Callai³****RESUMO**

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada durante o período de pós-doutoramento (julho de 2021 a junho de 2022) realizado no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/RS (Unijuí), sob a supervisão da professora Doutora Helena Copetti Callai. Durante esse tempo dedicamo-nos a pensar a formação inicial de professores de Geografia a luz do Programa Institucional Residência Pedagógica (RP), subprojeto de Geografia. Para tanto, organizamos nossa linha de raciocínio a partir de aportes epistemológicos, teóricos, bibliográficos e também da experiência enquanto professora que trabalha com e na formação de professores de Geografia. Os aprendizados e desafios vividos com o RP foram efetivados em textos produzidos pelos residentes e foram avaliados a luz da análise do discurso de Bakhtin, por meio da análise desses textos foi possível apontar as contribuições e desafios vivenciados durante a realização do programa RP, subprojeto Geografia, seus subsídios para a formação de professores na atualidade e a importância de repensarmos e ressignificarmos o ser e fazer docente continuamente. Sendo assim, esse texto é um convite à reflexão crítica ancorada no contexto em que vivemos, pois consideramos importante entender a profissão professor vinculada aos elementos (histórico, político, econômico, cultural, etc.) em que a educação e, conseqüentemente, a formação de professores estão inseridas. Logo, trata-se de um exercício teórico e reflexivo, em que buscamos construir um entendimento com bases os textos produzidos pelos residentes e a literatura existente sobre o assunto que contribuíssem com nossa perspectiva teórica e metodológica, a fim de aprofundar o tema.

Palavras-chave: Formação de Professores. Geografia. Educação.

¹ Esse trabalho é parte da pesquisa de Pós-doutoramento realizada no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências.

² Professora do curso de Geografia Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

³ Professora supervisora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.



ABSTRACT

This work results from a research conducted during the Postdoctoral period (July 2021 to June 2022) carried out in the Postgraduation program in Education of Sciences, from the Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/RS (Unijuí), supervised by the PhD professor Helena Copetti Callai. During this period, we dedicated ourselves to think the initial training of geography teachers under the light of the Institutional Program Pedagogical Residency (PR), geography's subproject. Therefore, we organized our line of reasoning from the epistemological, theoretical, bibliographical contributions, and also from the experience as a professor who works with and at the training of geography teachers. The learnings and challenges lived with the PR were effected in texts produced by the residents and were evaluated under the light of the Backhtin's speech analysis, through the analysis of the texts it was possible to consider the contributions and challenges lived during the realization of the PR program, geography's subproject, its subsidies to the teacher training nowadays and the importance of rethinking and resignifying the being and doing the teacher work continuously. Thus, this text is and invitation to the critic reflection anchored in the context that we live, because we consider that is important to understand the teacher profession linked to the elements (historical, political, economic, cultural, etc.) in which the education and, consequently, the teacher training are insert. So, it is about a theoretical and reflexive exercise, in which we seek to build a comprehension based on the texts produced by the residents and on the existent literature about the subject that could contribute with our theoretical and methodological perspective, in order to deepen the theme.

Keywords: Teacher Training; Geography; Education.

INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (RP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituído no curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Francisco Beltrão, se apresentava como uma possibilidade para discutirmos a educação e a formação de professores inseridos um contexto econômico, político e social adverso e pandêmico.

Num período em que vemos a educação pública sendo massacrada, sobretudo, pela omissão do Estado e pela supremacia da política neoliberal. Torna-se necessária a reflexão sobre o papel da formação de professor de Geografia e da universidade pública, visto que essa é um espaço também de formação política.

Assim vemos o RP como uma possibilidade para o fortalecimento das licenciaturas, essas tão negligenciadas e desvalorizadas, sejam por serem cursos que não oportunizam *status* e ganhos atrativos, seja pelo próprio descaso com que a educação vem sendo tratada no país. Na formação inicial os futuros professores são comuns simulações de aulas com a realização



de planos de aulas, mas essas ações associadas com pequenas inserções nas escolas, que, por vezes, só ocorrem no 3º ano da graduação durante a prática de estágio, são insuficientes uma vez que formar professores demanda uma maior interação entre escolas e universidades.

Há ainda o fato de muitas licenciaturas valorizarem a racionalidade técnica em detrimento da formação pedagógica, vistas infelizmente como de menor valor. Apesar das dificuldades existentes no RP, seja pelo valor pouco atrativo da bolsa (R\$ 400,00 (quatrocentos reais) ou pela falta de recursos financeiros para promover uma formação qualificada, ingressamos no programa por acreditar que temos um compromisso ético, profissional de formar bons professores. Ainda que soe como um clichê a educação é a maior riqueza de uma nação e não pode ser banalizada, contudo precisamos fazer a nossa parte e não importa se aos olhos de muitos possa parecer insignificante ou ingênua, pois enquanto professores sabemos que se conseguirmos ser farol para uma criança, pré-adolescente, adolescente ou jovem aluno nosso trabalho já valeu a pena.

Portanto, entendemos que discutir sobre a formação inicial de professores de Geografia é algo necessário e imprescindível dada às circunstâncias que afetam o pensar e o fazer docente na atualidade. Debater as possibilidades e impossibilidades da Residência Pedagógica (RP) na formação inicial de professores da Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Francisco Beltrão, por meio da minha experiência como coordenadora de área e dos relatos dos residentes do subprojeto possibilitou um diálogo direto e rico entre os futuros professores e os professores da educação básica. Além de permitir aos residentes uma maior imersão nas escolas e em seus diferentes espaços, promovendo o enriquecimento de aspectos voltados ao processo de ensino e aprendizagem, bem como o enfrentamento dos desafios inerentes a profissão professor. A soma desses fatores possibilita o fortalecimento da formação de professores de Geografia.

O programa Residência Pedagógica foi instituído no ano de 2018 na Unioeste e no curso de Geografia de Francisco Beltrão o início foi marcado por desconfianças e expectativas. A desconfiança foi oriunda da modificação ocorrida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (Pibid), uma vez que o Pibid era um programa consolidado e vinha apresentando resultados importantes à formação de licenciandos em todo o Brasil, mesmo diante da capilaridade do Pibid ao proporcionar aos licenciandos o convívio com a escola e exercício da docência em suas múltiplas dimensões desde o 1º ano da graduação, experiência



ímpar e singular na formação inicial de professores, esse teve sua existência ameaçada e, conseqüentemente, seu formato modificado.

De tal modo, mesmo apresentando grandes resultados, como pode ser observado em inúmeras publicações que compilam as conquistas obtidas com o Pibid nos diferentes cursos de licenciatura de diversas instituições de ensino superior do país, esse não deixou de ser alvo das políticas alinhavadas ao pensamento neoliberal, que veem a formação de professores no país como dispendiosa e demorada. Logo, mudanças substanciais ocorreram no programa e uma delas foi a criação do Programa Residência Pedagógica (RP), como dito anteriormente o cenário em que fora gestado o RP não deixou de levantar suspeitas e até negação por partes dos profissionais da educação afetos ao Pibid e atentos as ações do Ministério da Educação no que se refere a formação inicial e continuadas de professores da Educação Básica.

Posto isto, buscou-se discutir como o RP no curso de Geografia da Unioeste de Francisco Beltrão mesmo diante dos desafios impostos a educação e, por conseguinte, a formação de professores do Brasil, atua como um agente potencializador da formação de professores em Geografia, ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento do curso de Geografia licenciatura.

Para tanto esse capítulo foi organizado da seguinte forma, inicialmente abordou-se como se deu o processo de implantação do RP na Unioeste e, posteriormente, no curso de Geografia de Francisco Beltrão, e na sequência apresentaram-se as informações obtidas por meio da vivência pautada na experiência de 18 (dezoito) meses como docente orientadora e colaboradora do subprojeto de Geografia (2020-2021) e dos textos produzidos pelos residentes e por fim foram tecidas as considerações finais.

Um pouquinho da trajetória do RP na Unioeste...

O Programa Residência Pedagógica passou a fazer parte da Unioeste (2018) em um cenário cercado por muitas dúvidas, professores dos diferentes cursos de licenciatura, em sua maioria aguerridos com formação, ensino e aprendizagem, viram a proposta de implantação do RP como uma armadilha para aprofundar ainda mais o processo de precarização da formação docente, que vem afligindo a profissão na atualidade.



Nesse contexto adverso em que o Pibid já estava consolidado (quase 10 (dez) anos de existência) e entendido como um programa promissor e gerador de muitas conquistas, não faltaram desconfianças sobre as intencionalidades do RP, recebido com muitas ressalvas, objeções e certa animosidade. O Ministério da Educação em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) alterou o formato e objetivos do Pibid. Assim, o Programa Residência Pedagógica (RP) à primeira vista apareceu como um programa que fragilizaria ainda mais a profissão professor e o trabalho docente. Na Unioeste, muitos professores-pesquisadores das mais diferentes licenciaturas entenderam esse programa como uma ameaça a formação de professores, sendo uma espécie de *trainer* com vistas ao sucateamento das licenciaturas, tidas historicamente como cursos para pessoas com pouco poder aquisitivo, uma vez que ninguém almeja ser rico sendo professor. (MORMUL, 2019)

O curso de Geografia em licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão, aderiu ao RP em 2018 por entender que poderíamos se inseridos no programa entender as intencionalidades contidas nele. Partimos da premissa que por meio dele (RP), entenderíamos melhor o programa e buscaríamos aprimorar a formação inicial dos futuros professores de Geografia.

O RP assim como o Pibid proporcionou aos licenciandos maior contato com as escolas, o que possibilitou a reflexão sobre as demandas e desafios presentes nesse espaço formativo. No que concerne a Geografia, buscou-se por meio do RP entender o sentido e o papel do professor (a) de Geografia no atual contexto educacional. Através do RP podemos repensar a profissão professor (a) e instigar os futuros professores (as) a refletirem sobre a prática docente alinhavada com a teoria e a metodologias de ensino de aprendizagem, sempre com o intuito de potencializar o ensino de Geografia e qualificar a formação docente.

Sabemos que são muitos os desafios que assolam a educação e a escola pública, mesmo que o discurso social seja de valorização da educação, o que vemos são escolas e professores chafurdados no descaso que toma conta da educação pública no país. Os professores infelizmente estão vendo gradativamente a autonomia docente sendo usurpada, disfarçado pelo discurso da meritocracia, individualismo, formação do cidadão de bem e de valores um tanto quanto contraditórios, vamos perdendo a capacidade de impactar e transformar pessoas, o senso comum vai se tornando prerrogativa a ser seguida em detrimento do conhecimento sistematizado e congruentes com as demandas das vidas dos estudantes.



Assim, ressaltamos que mesmo diante de cenários tão adversos, não podemos nos limitar a ingenuidade de se prender ao um pensamento mágico, como se tudo fosse melhorar sem fazer nada a respeito. Ao contrário o trabalho docente se torna ainda mais necessário diante das atuais circunstâncias, e esse trabalho deve estar ancorado nas exigências já anunciadas pelo professor Paulo Freire (2004), isto é, ensinar exige respeito, compromisso, ética, responsabilidade, afeto entre outros. E impelidos nessa crença de que para ser professor temos que saber, conhecer e ser responsável é que investimos tempo e estudo no RP. Esse programa por meio dos seus subprojetos proporciona ao licenciando conhecer de perto a dinâmica da escola, a rotina do trabalho docente seus desafios e suas possibilidades. Ao mesmo passo que provoca a reflexão sobre a Geografia que queremos e a que temos. Como lembra-nos Alves (2009), a formação de professores afinada com a realidade nasce no chão da escola, estão atentas as múltiplas dimensões capazes de construir competências coletivas e definir a intencionalidade da prática educativa, no nosso caso a Geografia.

Por meio do RP os estudantes podem acessar esse “mundo” antes de concluírem a graduação, com maior intensidade do que a prática de estágio, uma vez que o período de imersão é maior e contato com a escola e com os professores ocorre de forma mais efetiva, porque o Programa se organiza por meio de subprojetos (correspondentes a cada licenciatura). Assim o programa é formado por um conjunto de subprojetos (cursos de licenciatura da Instituição) que atenderam aos requisitos do Edital e tiveram suas propostas aceitas pela Capes. Cada subprojeto está vinculado a uma ou mais licenciaturas, dependendo se é multidisciplinar ou não, esses subprojetos selecionam as escolas parceiras e seus respectivos professores, que passaram a fazer parte do programa. No caso do RP de Geografia (2020-2022) contamos com a participação de três escolas públicas e três professores de Geografia vinculados a elas, que são nominados de preceptores, esses professores acolhem de cinco até dez estudantes que passam a acompanhar todo o trabalho do professor. O programa tem duração de 18 (dezoito) meses e durante esse período os residentes, estudam os documentos escolares, observam o espaço da escola, acompanham aulas e ministram aulas. Se caracterizando como um momento de grande aprendizagem como poderemos perceber nas discussões a seguir.

Conduzidos a pensar o RP!



Ao longo de 18 (dezoito) meses de participação no programa os residentes acompanham o trabalho docente, preparam aulas, realizam regência. Nessa edição (2020-2022) tivemos o fazer e o pensar docente afetados pela pandemia... Prontamente, os residentes também tiveram que se reinventar e/ou ressignificar nesse processo. E nessa perspectiva nos provocamos a problematizar a formação de professores de Geografia a fim de ressignificá-las. E buscamos fazer isso à luz da análise dos textos produzidos pelos residentes, verificando em que aspectos houve avanços e em quais precisamos melhorar.

Foi solicitado aos residentes (bolsistas e voluntários – 30 (trinta) estudantes) que produzissem um texto que contivesse questões importantes que verificaram enquanto participantes do subprojeto. Os textos abordaram as experiências vivenciadas ao longo do processo. Não foram estipulados limites de páginas, contudo, os mesmos deveriam expressar os aspectos valorativos à formação inicial de professores.

Na sequência as informações produzidas (por meio dos textos) foram separadas em dois eixos chaves pautadas na contraposição valorativa (aspectos considerados importantes e desafiadores para o fortalecimento e qualificação da formação inicial de professores).

Quadro 1 – Aspectos importantes e desafiadores do RP, percebidos pelos residentes e anotados nos seus textos durante o período de imersão no programa num cenário de pandemia.

Importantes	Desafiadores
Imersão no cotidiano dos professores	Domínio e acesso as tecnologias
Ensinar utilizando estratégias diferenciadas	Ausência das relações interpessoais
Aprender a se desafiar	Medo do novo
Aprender com os erros	Falta de estrutura das escolas
Repensar a docência	O professor como um instrutor

Elencamos esses aspectos como os mais relevantes, pois aparecem em todos os textos analisadas, na sequência vamos discutir cada um deles a fim de perceber quais as (im)possibilidade do RP na formação inicial de professores de Geografia.



A interpretação dos textos foi realizada a luz da perspectiva bakhtiniana, uma vez que ela nos auxilia entender que os estudantes que participam do Residência Pedagógica estão em constante interação com diferentes sujeitos, alunos, professores, família etc. Logo, são agentes sociais e responsáveis pelo estilo dos discursos que enunciam.

As experiências desses sujeitos são oriundas e se valem dos conhecimentos de enunciados que possibilitarão a redação de seus textos. A partir da compreensão – contraposição de valores- entende-se que ocorre uma contraposição dialética, buscando entender os discursos fora da esfera do imediatismo, a fim de examinar as relações dialógicas, ou seja, compreender como o grupo de residentes faz a contraposição entre a ideologia dominante (concepção totalizante do mundo) e a ideologias do cotidiano – nas relações do dia-a-dia presente na nossa fala. Vale ressaltar que ao se tratar de formação de professores existe uma preconceção do que serve ou não; por meio dos textos dos residentes buscou-se entender o quanto e como estar imerso nas escolas e acompanhando a rotina docente, mesmo que contido na ideologia oficial, pode-se captar a tomada de posição do enunciador, conforme a análise do discurso de Bakhtin.

A partir disso vamos para a análise dos elementos considerados importantes, ou seja, que atribuíram valor ao processo formativo dos residentes. Em todos os textos os residentes deixaram explícito que a pandemia forçou repensar a experiência da docência, e esse foi um dos aspectos considerados mais valiosos para os estudantes, uma vez que perceberam que ser professor, também é se reinventar que não há zona de conforto, e o melhor que a zona de conforto não é um lugar legal para ficar, afirmamos isso porque muitos residentes relataram que tiveram que superar muitas barreiras para conseguir se integrar ao mundo digital, parece um contrassenso escrever isso, considerando uma geração que nasceu na era digital, porém o ambiente escolar ainda estava distante dessa realidade.

Assim em se tratando de êxito de forma unanime o aspecto mais citado foi a possibilidade de aprender errando, ao entender que o erro não é motivo de vergonha ou descrédito, mas a possibilidade de fazer diferente e aprender, promoveu um salto qualitativo na formação humana desses sujeitos, porque tomaram consciência que errar é algo que nos possibilita avançar, porque aprendemos mais uma forma de como não fazer. Nesse sentido o ganho é duplo tanto profissional quanto pessoal, outro elemento instigante foi não ter medo dos desafios, e novamente aqui me recordo de Paulo Freire (1997) que advertiu não deixe que o medo te paralise, quando os residentes romperam o medo e se desafiaram a trabalhar com o



Google Classroom, Meet, Teams, entre outras ferramentas, esses perceberam a importância de estabelecer outras formas de comunicação com os alunos.

Na outra ponta quanto olhamos para os desafios de forma também unânime apareceu a falta de domínio da tecnologia e de estrutura das escolas, inclusive essa foi uma das questões mais desafiadoras do processo, uma vez que os residentes, percebendo que a ação docente estava muito engessada pelo o que vinha pronto da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, se sentiram desestimulados, especialmente pela avassaladora sensação de que o processo de ensino e aprendizagem estava completamente comprometido; este talvez foi o maior dilema presente durante todo o processo, os alunos realmente aprenderam Geografia da forma como as aulas estavam sendo ofertadas, sem falar da ação limitada do professor que passou a exercer um papel muito mais burocrático do que pedagógico. Assim, diante desses aspectos, não há como não deixar de falar que mesmo diante de tantos desafios, os professores e residentes não se renderam continuaram a buscar novas formas de romper com os desafios que a toda hora surgia, os residentes foram desafiados, mas ministraram as aulas pelo *Meet*, elaboram jogos, fizeram vídeo aulas interativas, tudo com o intuito de deixar algo tão estéril e frio (aulas remotas) com um toque de personalidade de humanidade, por entender que nós devemos usar as tecnologias e não ser usadas por elas.

Para de Bakhtin a fala que não é neutra, assim o que foi expresso nos textos, também está carregado de sentidos e intencionalidades, que ocorre por meio da tomada de posição em que as pessoas se encontram ao realizar as ações e isso foi perceptível no RP. Durante todo o processo de imersão dos residentes seja na escola seja nos estudos de textos que os auxiliam na preparação das atividades, houve a preocupação de fazê-los entender que toda ação é responsiva e responsável e ao se tratar do trabalho realizado nas escolas e nas aulas de Geografia, estamos inseridos em diferentes discursos e é por meio deles que inclusive os aspectos de alteridade são revelados e que ganhamos mais força no coletivo.

Nessa mesma perspectiva Bakhtin (2016) nos alerta que discurso dominante apaga os discursos dos dominados, assim ocorre um apagamento dos signos, e o discurso é dominante não porque é o melhor, mas porque é único, ou seja, conceitos monovalentes. Para Bakhtin (2016) o discurso é forte quando ele consegue sair da falsa consciência para a realidade concreta dos sujeitos. Segundo Giroux (1981), o processo de dominação não é lógico, unitário e intrinsecamente coeso, mas é caracterizado pela existência concreta de momentos de



desarticulação, pela existência de contradições reais e objetivas. Essas contradições não estão presentes unicamente na escola ou na formação de professores, contudo são contradições inerentes ao sistema social global e que se manifestam sob a forma de desagregação e descontinuidade da prática pedagógica, atingindo professores, escolas, universidades etc.

Por meio do RP, dos textos produzidos, das trocas de experiências, das reuniões coletivas, foi possível perceber ativamente como muitos residentes se apropriaram do discurso dominante e deixaram de refletir sobre o seu papel como professor, especialmente no desvelamento de tais discursos, o trabalho do professor durante a pandemia ficou invisível, perdeu sua essência, por isso a urgência de acionar teóricos como os do círculo de Bakhtin para entender que estamos nos contentando com migalhas ao invés de buscar o banquete. Que há na profissão professor tem uma potência muito grande e que não devemos permitir que nos ocultasse, nosso trabalho é grandioso impactamos vidas e transformamos pessoas, mas para isso são necessários dois elementos indissociáveis sabedoria e conhecimento do qual nenhum professor pode abrir mão, por mais adversas que sejam as condições.

Considerações Finais

Refletir sobre formação de professores de Geografia é sempre é uma tarefa desafiadora, porque são muitas as circunstâncias a serem observadas, uma vez que para ser professor é necessária uma série de saberes que extrapolam a dimensão de dominar conteúdos. Com o intuito de contribuir para esse debate, nos debruçamos a pensar a formação de professores de Geografia a partir do Programa Institucional Residência Pedagógica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão.

A história do Programa Residência Pedagógica na Unioeste, ainda que jovem, foi marcada por muitas conquistas, entre elas podemos destacar a visibilidade e o fortalecimento das licenciaturas, e acima de tudo a melhoria na formação de professores. Outro aspecto que o RP proporcionou foi à aproximação das diferentes licenciaturas tanto da Unioeste quanto de outras Instituições de Ensino Superior (IES), esse elemento destaca-se por ser uma experiência única em que os licenciandos podem trocar experiências e conviver com os demais licenciandos.



Como o Programa Residência Pedagógica (RP) tem como objetivo contribuir na formação inicial dos estudantes dos cursos de licenciaturas de todo o país, entendemos e defendemos que programas que visam à formação de professores devem ser incentivados, uma vez que qualificar a formação de professores é condição *sine qua nom* para a melhoria da educação e conseqüentemente da vida das pessoas. As informações produzidas por meio de textos oportunizaram a compreensão que mesmo atravessado pela pandemia o pensar e fazer tornou-se um desafio do qual não podemos nos eximir de fazer, e poder viver essa experiência participando do Residência pedagógica é algo singular.

Os residentes por meio dos seus textos nos mostraram que começaram a entender o sistema educativo e quais são as (im)possibilidades existentes. Perceberam que um bom professor é capaz de formar pessoas com senso de pertencimento. Com as experiências vividas no RP notamos que apesar dos desafios é possível resistir aos ataques e ameaças a educação pública, gratuita e de qualidade, e opor-se por meio de trabalho sério, diligente e congruente, porque as adversidades fazem parte da vida, mas está tudo certo desde que não deixamos de acreditar na importância da profissão professor e tenhamos condições para defendê-la.

Assim encerramos esse capítulo dizendo que há muitas possibilidades no RP para o fortalecimento da formação inicial de professores de Geografia, mas também há impossibilidades, porém essas não são intransponíveis, pois se com um giz e um quadro o professor pode tanto imagina o quando pode mais se a ele (professor) fosse oportunizada o acesso e o domínio da tecnologia, conhecer é poder.

É um equívoco achar que a tecnologia pode substituir o professor, a máquina por mais exata e precisa que possa ser ela jamais terá afeto, a sensibilidade que um professor tem, assim como o carro precisa de combustível ou de alguma fonte de energia para andar o professor precisa da sala de aula, do contato com os alunos, da troca de energia, das relações interpessoais, porque é um trabalho essencialmente humano de grande entrega, e o mundo preciso disso de mais união, diálogo, respeito e cuidado com o próximo, com a natureza, porque somos todos um. Só assim faremos a revolução que tanto almejamos, porque muitas coisas não mudam, mas nós podemos mudar.



Referências

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento ecossistêmico e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: WAK. ED, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2004.

_____. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d' Água, 1997.

MORMUL, M. N. **É Possível Ser Resistência com o Residência Pedagógica?** Anais do III Seminário Internacional de Educação e da XXIII Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia. Francisco Beltrão: Unioeste, 2019. (p. 146-156).